

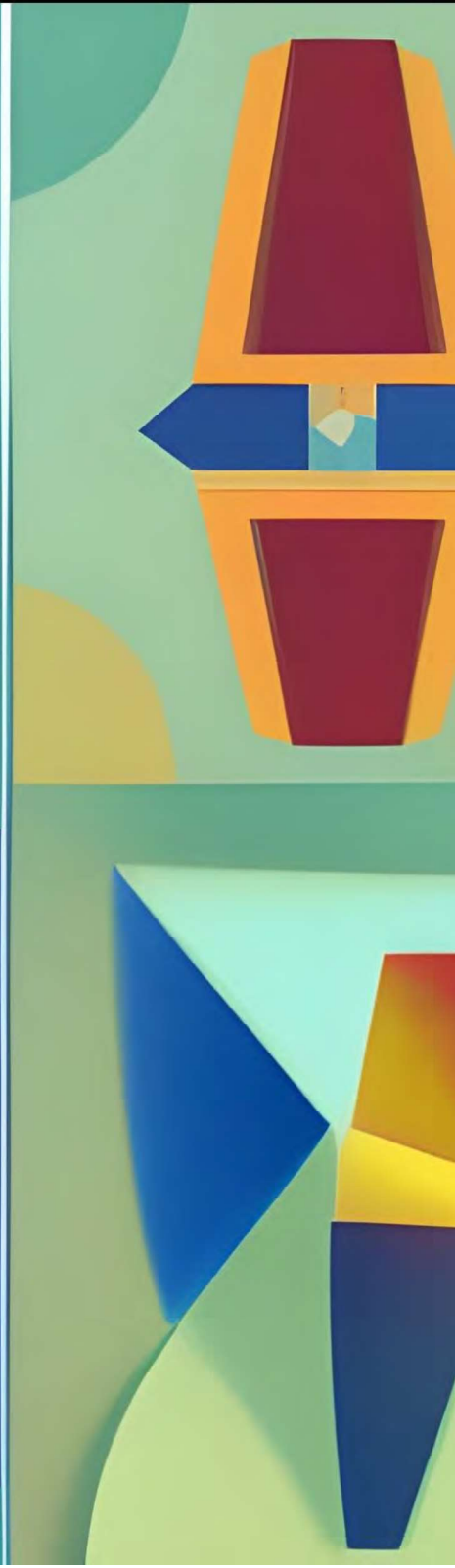
PATRIMÓNIO, EDUCAÇÃO E CULTURA

Convergências e Novas Perspetivas

Fátima Regina Jorge
João Belo
Madalena Ribeiro
(Coord.)



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Polytechnic University



Um tesouro pouco explorado na Sé de Castelo Branco: a coleção de música

A little explored treasure in Castelo Branco Cathedral: the music collection

Luísa Correia Castilho

Instituto Politécnico de Castelo Branco / CESEM, IN2PAST, Portugal, luisa.correia@ipcb.pt

Resumo

A diocese de Castelo Branco foi fundada em 1771, por D. José, ao mesmo tempo que a urbe foi elevada à categoria de cidade, uma vez que a sua criação se justificou pela demasiada extensão da diocese da Guarda. O Bispado de Castelo Branco ficou então formado por 78 freguesias, sendo 56 no distrito com o mesmo nome e 22 no de Santarém. Do legado do seu património artístico chegou até aos nossos dias cerca de uma centena de manuscritos e impressos musicais remontando, na sua maioria, ao período de vigência do bispado de Castelo Branco, de finais do séc. XVIII a finais do séc. XIX, que se encontram sob a guarda do seu arquivo. O presente estudo tem como objetivo apresentar uma análise dos conteúdos dos manuscritos e impressos que contêm música, que se revestem de grande interesse. Assim, elucidasse em primeiro lugar aspetos gerais da coleção (conteúdos, cronologia, etc.), seguindo-se a análise dos autores, das categorias onde se inserem a sua música, os géneros musico-litúrgicos e aspetos genéricos musicais.

Palavras-chave: Arquivo musical, Bispado de Castelo Branco, géneros musico-litúrgicos, compositores de música sacra, manuscritos musicais

Abstract

The diocese of Castelo Branco was founded in 1771 by D. José, at the same time that the town was elevated to the category of city, since its creation was justified by the excessive extension of the diocese of Guarda. The Bishopric of Castelo Branco was then formed by 78 parishes, 56 in the district with the same name and 22 in Santarém. From the legacy of its artistic heritage, around a hundred musical manuscripts and prints have survived to the present day, most of which date back to the period of validity of the bishopric of Castelo Branco, from the beginning of the XVIII century to the end of the XIX century, which are in the custody of its archive. The present study aims to present an analysis of the contents of manuscripts and printed material that contain music, which are of great interest. First, to elucidate general aspects of the collection (contents, chronology, etc.), followed by an analysis of the authors, the categories in which their music and the musico-liturgical genres fall and general musical aspects.

Keywords: Musical archives, bishopric of Castelo Branco, musico-liturgical genres, composers of sacred music, musical manuscripts

1. A Sé e o Bispado de Castelo Branco

Por Alvará de 20 de Março e Carta Régia 15 de Abril de 1771, D. José concede à vila de Castelo Branco o título e foro de cidade, com o fim de legitimar a criação da Diocese Alcastrense, o que veio a fazer-se por Breve Apostólico de 7 de Junho do mesmo ano. Por esta altura, a cidade tinha duas freguesias, Santa Maria do Castelo e S. Miguel, sendo esta última elevada a Sé. O

bispado de Castelo Branco durou pouco mais de um século, foi suprimido por letras Apostólicas de Leão XIII, de 30 de Outubro de 1881, e manteve-se durante muitos anos na situação de sede vacante (Martins, s.d.; Silva, 1853; Silveira, Azevedo, & Oliveira, 2003).

A criação da diocese de Castelo Branco justificou-se pela demasiada extensão da diocese da Guarda, que, então, abrangia os arcediagos de Celorico, Guarda, Covilhã, Penamacor, Monsanto, Castelo Branco e Abrantes. Tão vasto território tornava impossível uma eficaz pastorização, como aliás reconheciam os próprios Bispos da Guarda. O Bispado de Castelo Branco ficou então formado por 78 freguesias, sendo 56 no distrito com o mesmo nome, o qual abrangia os concelhos de Castelo Branco, Fundão, Idanha-a-Nova, Oleiros, Penamacor, Proença-a-Nova, S. Vicente da beira, Vila de Rei e Vila Velha de Ródão e 22 no de Santarém, que compreendia os concelhos de Abrantes, Constância, Mação e Sardoal (Azevedo, 2000; Martins, 1979).

2. Problemática, objetivos e metodologia

Encontra-se sob a guarda do arquivo da Sé de Castelo Branco cerca de uma centena de manuscritos e impressos musicais e outras fontes musico-textuais remontando, na sua maioria, ao período de vigência do bispado de Castelo Branco, finais do séc. XVIII e séc. XIX. Esta música, que provavelmente abrilhantou o ritual católico constitui talvez o testemunho de uma prática sacro-musical em Castelo Branco.

Assim, colocou-se as seguintes questões de investigação:

- Que fontes musico-textuais existem no arquivo da Sé de Castelo Branco para caracterizar a sua música?
- Que tipo de repertório musical se conservou?

Tendo como objetivos:

- Analisar e divulgar as fontes musico-textuais e o repertório das obras.

Como metodologia de investigação partiu-se da catalogação elaborada por Castilho (1992) e efetuou-se uma análise de conteúdo das obras. Criou-se uma grelha de análise segundo os seguintes parâmetros: Nome do Compositor, Título, Género, Ocasião Litúrgica, Copista, Fontes Textuais, Vozes, Nº de Vozes e Armação de clave (Tabela 1).

Tabela 1. Exemplo de grelha de análise

Compositor	Título	Género	Ocasião Litúrgica	Copista	Fontes Textuais	Vozes	Nº de Vozes	Armação de Clave
Jommelli, Niccolò (1714-1774)	<i>Confirma hoc Deus</i>	Motete	Pentecoste			S1S2ATB + bc	5	Sib
Lobos, Mathias de Sousa Villa (séc. XVII)	Paixão segundo S. Mateus	Paixão	Domingo de Ramos			SATB	4	Sib
Moreira, António Leal (1758-1819)	Salmo <i>Beatus vir</i>	Salmo	Vésperas		Salmo 111	SATB + bc	4	Fá,-dó #
Peres, David (1711-1778)	Motete para a festa de S. Miguel Arcanjo	Motete	S. Miguel Arcanjo	Patrício		SATB + vl +bc	4	Si,-mib

3. Descrição geral do arquivo de música

Sendo a música e particularmente o canto, entendido como instrumento de louvor a Deus, integrava todo o cerimonial da igreja: a Missa e o Offício Divino. Como tal, o serviço musical na sé, tal como noutras igrejas era assegurado pelo coro, que comportava todos os membros da comunidade eclesial. Cantavam os mais variados géneros músico-litúrgicos, a saber: a) antífona, peça melódica cantada antes e depois de um salmo; b) cântico, hino bíblico usado na liturgia da igreja cristã; c) gradual, responsório cantado no serviço da Missa, a seguir à primeira leitura, d) hino, uma canção de louvor ou elogio, e) lição, leitura formal de um texto, tomado das Escrituras, num serviço litúrgico; f) Missa, um conjunto de peças, do serviço religioso principal da Igreja católica, que retoma o texto latino e compreende geralmente as cinco partes: *Kyrie, Gloria, Credo, Sanctus e Agnus Dei*; g) motete, composição sobre um texto religioso que não faz parte do ordinário da missa, que podia ser inserido com carácter opcional nas cerimónias litúrgicas; h) paixão, composição para coro, cantores solistas e orquestra, cujo texto se baseia na descrição da morte e ressurreição de Cristo, segundo um dos evangelhos, a que são acrescentados alguns comentários poéticos; i) responsório, forma de canto litúrgico onde um solista entoava versos que são respondidos por um coro ou pela assembleia de fiéis; j) salmo, cântico religioso de louvor, baseado no livro dos salmos e numa fórmula salmódica, l) sequência, cântico que se segue ao aleluia; e M) tractus, canto que substituiu o aleluia da Missa em tempo de penitência (Bukofner, 2002; Hoppin, 2000; Kennedy, 1994; Michels, 2003; Reese, 1989)

O arquivo da Sé de Castelo Branco contém 85 peças manuscritas, catalogadas da cota «190-a» a «220-d» e 14 volumes de Impressos, da cota «221-a» a «224». O repertório dos manuscritos, em polifonia e harmonia, são sobretudo em papéis soltos, contendo uma voz em cada “caderno”. Além dos livros impressos existem dois livros de coro com Canto Gregoriano.

Tabela 2. Impressos: compositores

Impressos / Compositores	Nº de obras
Clemente, Joaquim	1
Fagan, E	1
Kunc, A.	1
Mineiro, João P.	1
Palestrina, Giovanni Pierluigi da	1
Perosi, Laurentius	2
Ranzato, Virgilio	1
Santamarta, Maria José de	1
Trocato, Dr. José	1
Vuidet, Gaston	1
Total	11

Os volumes impressos incluem 11 obras, de 10 compositores sendo a maior parte dos finais do séc. XIX e séc. XX, com exceção de uma obra de Palestrina, o grande compositor italiano da contrarreforma, que é do século XVI (Tabela 2).

Tabela 3. Impressos- Género Musico-Litúrgico

Impressos / Géneros	Nº de obras
Antífona	2
Cântico	1
Hino	2
Missa	3
Motete	1
Responsório	1
Sem texto /instrumental	1
Total	11

Os géneros músico-litúrgicos contemplados nos impressos são: três missas, dois hinos, duas antífonas, um responsório, um motete e um cântico; e uma obra profana instrumental, uma *bercese*, uma canção de embalar (Tabela 3). Ainda contem mais três volumes impressos: um com vários motetes populares, e dois com revistas contendo cantos litúrgicos e música sacra.

Mas, a parte mais interessante do arquivo são as peças manuscritas que se apresentam em folhas de papéis soltos. O material existente conserva-se em partitura e/ou partes separadas, embora, a maioria das obras se encontre nesta última situação. De um total de 85 peças manuscritas 58 são identificadas com autor, o que perfaz uma percentagem de 68,2%, sendo 27 anónimas, o que perfaz uma percentagem de 31,8%.

Tabela 4. Manuscritos: Compositores

Manuscritos				
Séc. XVI	Palestrina	1	1	1,2%
Séc. XVII	Correia, Pe. Manuel Carlos	2		
	Lobos, Mathias de Sousa Villa	4	7	8,1%
	Francisco Luís	1		
Séc. XVIII	Carvalho, João de Sousa	4		
	Jommelli, Niccolò	1	15	17,4%
	Peres, David	10		
Séc. XVIII / Séc. XIX	Santos, José Joaquim dos	2		
	Santos, Luciano Xavier dos	8		
	Baldi, João José	3		
	Cordeiro, João	1		

	Figueiredo, José António de	1	34,9%	52,3%
	Gallão, Joaquim Cordeiro	3	30	
	Hilias, Manuel	1		
	Leal, Eleutherio	1		
	Moreira, António Leal	5		
	Mósca, José Albi	1		
	Romano, Giovan Peri	1		
	Santo, José do Espirito	2		
	Portugal, Marcos António da Fonseca	1		
Séc. XIX	Casimiro Junior, Joaquim	2	5,8%	
	Soares, Julio António Avelino	1	5	
	Perdigão, J.F.	2		
Anónimos		28	28	32,6%
Total		86	86	100%

O compositor mais antigo que se encontra no arquivo é Palestrina do séc. XVI, que contém uma obra. Do séc. XVII há três compositores, Pe. Manuel Carlos Correia, Mathias de Sousa Villa Lobos e Francisco Luís, com sete obras. Existem 15 obras do século XVIII de três compositores: João de Sousa Carvalho, Niccolò Jommelli, e David Peres. Da transição do séc. XVIII para o séc. XIX há 30 obras de treze compositores: José Joaquim dos Santos, Luciano Xavier dos Santos, João José Baldi, João Cordeiro, José António de Figueiredo, Joaquim Cordeiro Gallão, Manuel Hilias, Eleutherio Leal, António Leal Moreira, José Albi Mósca, Giovan Peri Romano, José do Espirito Santo e Marcos Portugal. Três compositores do séc. XIX, Joaquim Casimiro Júnior, Júlio António Avelino Soares, J.F. Perdigão, complementam o arquivo dos manuscritos, com cinco obras (Tabela 4).

Pelo que ficou exposto verifica-se que a maioria das obras manuscritas constante no arquivo da Sé de Castelo Branco, mais de metade do total, com autor (52,3%), insere-se na segunda metade do século XVIII, perlongando-se para a transição do século XVIII para o XIX, sendo David Peres o compositor com o maior número de obras (dez), seguindo-se de Luciano Xavier dos Santos, com oito obras.

Para se ter uma perceção sobre a valorização dos compositores e das suas obras caracteriza-se, a título de exemplo, alguns deles. David Peres (1711-1778), antigo Mestre da Real Capela Palatina de Palermo e consagrado nos principais teatros de ópera italiana, de Nápoles a Viena, foi o compositor italiano contratado, em 1752, no reinado de D. José para assumir o cargo de compositor da Real Câmara, Diretor musical da Ópera e professor das princesas reais. Produziu cerca de quarenta óperas e partituras religiosas, que constituem um dos mais requintados "corpus" de músicas de rito católico de todo o século XVIII (Fernandes, 2005; Nery, 1991). Niccolò Jommelli (1714-1774), o grande compositor da escola napolitana, tinha uma pensão anual a fim de enviar todos os anos para Lisboa uma *opera seria* e uma *buffa*, assim como um certo número de obras religiosas. As obras de David Peres, nomeadamente *Mattutini dei Morti* e Niccolò Jomelli, por exemplo *Missa de Requiem* formavam os principais

modelos de referência (Brito & Cymbron, 1992; Nery, 1991). Luciano Xavier dos Santos (1734- 1808), organista da capela Real, deixou muitas obras religiosas e para teatro (Nery, 1991). João de Sousa Carvalho (1745 - 1798) considerado um dos maiores músicos portugueses, distinguiu-se na composição de música religiosa, ópera séria e serenatas. Foi bolseiro de D. José, em Nápoles, e depois foi Mestre do Real Seminário da Patriarcal. Quando David Perez se aposentou, em 1778, sucedeu-lhe como professor dos Infantes e compositor da Real Câmara (Fernandes, 2005, Marques, 2017). Como pedagogo também deixou um forte legado contando entre os seus discípulos, António Leal Moreira (1758-1819) e Marcos Portugal (1762-1830). António Leal Moreira, o primeiro diretor musical do Teatro de São Carlos, em 1793, teve um papel fundamental no meio musical da corte em Lisboa, tendo sido mestre no Seminário da Patriarcal, e autor de obras sacras de relevada relevância, que foram muito difundidas no universo musical luso-brasileiro durante o século XIX (Bernardes, 2022). Marcos Portugal, organista, maestro e compositor, é considerado o compositor português de todos os tempos cuja obra conheceu uma maior difusão internacional (Brito & Cymbron, 1992; Nery, 1991). Notabilizou-se no domínio da ópera, género que lhe conferiu uma grande visibilidade internacional, mas destacou-se também no âmbito da música sacra, sobretudo em Portugal e no Brasil, tendo produzido mais de 140 obras, mantendo-se algumas das suas obras no repertório de muitas instituições eclesíásticas até inícios do século XX (Marques, 2012).

Em suma, este repertório da autoria de compositores portugueses influenciados pelos compositores italianos, ou dos próprios compositores italianos ativos ou conhecidos em Portugal traem a influência operática italiana, sobretudo do estilo napolitano e que determinou em larga medida o estilo da música religiosa, onde os traços do idioma operático se combinam com as convenções de escrita do *stile concertato*.

Tabela 5. Manuscritos: Géneros músico litúrgicos

Manuscritos		
Género	Nº de obras	Percentagem
Responsório	27	31,4
Missa	18	20,9
Salmo	11	12,8
Cântico	5	5,8
Paixão	5	5,8
Antífona	5	5,8
Motete	4	4,7
Hino	3	3,5
Gradual	2	2,3
Lição	2	2,3
Sequência	2	2,3
Tractus	1	1,2
Sem texto	1	1,2
Total	86	100

Os manuscritos abarcam diferentes géneros músico-litúrgicos. Como podemos constatar pelo quadro n.º 4 o Responsório é o mais representativo, com um percentagem de 31,4%, quase um terço do total, seguindo-se a Missa, com 20,9%, o Salmo, com 12,8%, o Cântico, a Paixão e a Antífona, com 5,8% cada, o Motete, com 4,7%, o Hino, com 3,5%, o Gradual, a Lição e a Sequência, com 2,3% cada e, o Tractus e sem texto, com 1,2% cada (Tabela 5).

Tabela 6. Manuscritos: categorias

Categoria		Género	N.º por género	Nº obras por categorias	Percentagem
Música para o Ofício		Responsório	27	53	61,6
		Salmo	11		
		Cântico	5		
		Antífona	5		
		Hino	3		
		Lição	2		
Missa	Próprio	Paixão	5	28	32,6
		Gradual	2		
		Sequência	2		
		Tractus	1		
	Ordinário	Missa	18		
Música para rubricas opcionais		Motete	4	4	4,7
Outras		Sem texto	1	1	1,2
Total			86	86	100%

Ainda a ver com os géneros músico-litúrgicos sistematizamos quatro categorias: Música para o Ofício, Música para a Missa (Próprio e Ordinário), Música para rubricas opcionais e outras (sem texto). Assim, a Música para o Ofício é a mais representada com 53 obras, com uma percentagem de 61,6%, quase dois terços do total, seguindo-se a Música para a Missa, com 28 obras, com uma percentagem de 32,6%; Música para rubricas opcionais com 4 obras, com uma percentagem de 4,7%; e Outras com uma obra, com 1,2 % (Tabela 6).

Tabela 7. Manuscritos: ocasião litúrgica

Ocasião Litúrgica	N.º	%
Próprio do Tempo	42	48,8
Próprio dos Santos	2	2,3
Comum do Tempo	26	30,2
Comum dos Santos	14	16,3
Outros	2	2,3
TOTAL	86	100

As obras foram escritas para diversas ocasiões litúrgicas. De um total de 86 obras, foram escritas 44, o que perfaz uma percentagem de 48,9%, para uma festividade específica do calendário litúrgico e por isso se enquadram no Próprio do Tempo ou no Próprio dos Santos. Destas a maior parte são para as festividades do Natal ou da Semana Santa. As restantes 42 composições correspondendo a uma percentagem de 48,8%, não se destinam a nenhuma data específica, pertencendo por isso ao Comum do Tempo ou dos Santos ou ao Ofício ou Missa de Defuntos (Tabela 7). De destacar uma obra que se insere no Próprio dos Santos, pois foi realizada para a festividade de S. Miguel Arcanjo, uma vez que a Sé de Castelo Branco o ter como padroeiro. Esta obra é um Motete de David Peres, e embora seja uma cópia, pois está assinada por um copista de nome Patrício, põem-se a hipótese de ter sido escrita para a própria Catedral.

Tabela 8. Manuscritos: número de vozes

Vozes	Nº de obras	%
0/ Instrumental	1	1,2%
1	7	8,1%
2	3	3,5%
3	4	4,7%
4	64	74,4%
5	3	3,5%
6	2	2,3%
8	2	2,3%
Total	86	100%

Num universo de 86 obras, as de quatro vozes são as mais representativas, com 64 obras, correspondendo a uma percentagem de 74,4%, o que equivale a quase três quartos. As restantes obras variam entre uma e oito vozes (Tabela 8). As de quatro vozes utilizam as habituais vozes Soprano, Alto, Tenor e Baixo (SATB) dispostas a *voce piena*, isto é, quatro linhas vocais, em que cada voz corresponde aproximadamente de uma oitava, cujas tessituras se desenrolam e intersectam no sentido de alcançar uma amplitude sensivelmente de 2,5 oitavas (Meier, 1988).

Além das vozes, dois terços das obras, mais concretamente 66,3% inclui um baixo contínuo quase sempre confiado ao órgão; 26,7% não contém qualquer acompanhamento e 7% têm acompanhamento com diversos instrumentos.

As armações de clave mais frequentes vão até três bemois ou três sustenidos, havendo uma tendência mais acentuada para as tonalidades de sib maior, sol menor, mib maior e dó menor. O ritmo binário predomina ligeiramente em relação ao ritmo ternário.

Cerca de dez por cento das obras vem indicado o nome do Copista, encontrando-se os seguintes nomes: Jesus Urbano Escoto, José P., Patrício e Correia Moreira. Segundo o que se pode apurar, estes eram músicos, maestros ou compositores que atuavam em Castelo Branco.

Jesus Urbano Escoto, figura importante na música do século XIX, em Castelo Branco, vinha de uma família de músicos. Era compositor e tocava vários instrumentos, sendo conhecido como bom pianista, clarinetista e saxofonista, embora nenhum instrumento de corda ou sopro lhe seria estranho. Eram múltiplas as suas atividades: além de deter a regência da charanga do Regimento de Cavalaria 8, ensinava música e cantochão no curso de teologia na Sé, regia a banda *Euterpe*, a Tuna do Liceu e a orquestra de concertos, ao mesmo tempo que, dava lições particulares, não só em Castelo Branco, como nas aldeia e vilas próximas como Alcains ou Tinalhas. A competência de Maestro Escoto tornou-se axiomática para os albicastrenses e não tinha mãos a medir, numa época em que a música assumia papel relevante na educação geral das futuras damas da melhor sociedade (Castilho, 1992).

Quanto ao nome Patrício é António Rodrigues Cardoso (1931) quem nos presta os necessários esclarecimentos. Os Patrícios eram um grupo de pelo menos seis irmãos, pois conhecem-se seis nomes (António, Joaquim, Carlos, Tomás, José e João) e ainda uma irmã que ensinava música particularmente. Eram artistas, músicos por instinto, que tocavam um grande número de instrumentos, corda, sopro, piano e órgão e ainda alguns eram cantores reconhecidos. Exerciam em Castelo Branco tanto no âmbito da música religiosa como profana. Atuavam habitualmente nas festas realizadas na cidade, nos serões musicais em casas particulares, bem como pelas várias associações, para concertos ou bailes. Tocavam todo o género de música que lhes era pedido, como Polcas, Mazurcas, Valsas, etc. Eram contratados também habitualmente para as cerimónias religiosas e eles mesmos se encarregavam da música vocal e instrumental.

Em síntese, o arquivo da Sé de Castelo Branco contém música sobretudo a quatro vozes. Além destas vozes, as partituras incluem um baixo contínuo quase sempre confiado ao órgão. A maioria das obras insere-se no período de transição do século XVIII para o XIX, com predomínio das formas Missa e Responsório, de muitos dos principais compositores que atuavam em Portugal. As armações de clave mais frequentes vão até três bemóis ou três sustenidos, havendo uma tendência mais acentuada para as tonalidades de sib maior, sol menor, mib maior e dó menor. O ritmo binário predomina ligeiramente em relação ao ritmo ternário.

Em termos estilísticos há uma manutenção de um estilo antigo alargado com uma prática litúrgica conservadora. Há também uma ligação do repertório litúrgico com o idioma operático. Esta ligação do repertório litúrgico com o idioma operático italiano da época é no entanto comum à grande maioria da música religiosa europeia desde a segunda metade do século XVIII, incluindo a obra dos grandes compositores (Nery, 1991).

Referências Bibliográficas

- Azevedo, C. M. (Dir.) (2000). *História Religiosa de Portugal*. Círculo de Leitores
- Bernardes, R. (2022). António Leal Moreira (1758-1819): Obras, fases estilísticas e sua presença no «cânone» da musicologia portuguesa e luso-brasileira. *RPM. Revista Portuguesa de Musicologia*, 7(1), 61-76. <https://rpm-n.pt/index.php/rpm/article/view/396/720>
- Brito, M. C., & Cymbron, L. (1992). *História da Música Portuguesa*. Universidade Aberta.
- Bukofzer, M. F. (2002). *La música en la época barroca*. Alianza Editorial.
- Cardoso, A. R. (7 de Fevereiro de 1931). *A Era Nova*. Castelo Branco.

- Castilho, M.L.F.S.C. (1992). *A Música na Sé de Castelo Branco. Apontamento Histórico e Catálogo dos Fundos Musicais* (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Fernandes, C. (2005). *Devoção e Teatralidade: as Vésperas de João de Sousa Vasconcelos e a prática litúrgico-musical no Portugal Pombalino*. Colibri e FCSH-UN.
- Hoppin, R. H. (2000). *La Música Medieval*. Ediciones Akal.
- Kennedy, M. (1994). *Dicionário Oxford de Música*. Publicações Dom Quixote.
- Marques, A. J. (2017.). Carvalho, João de Sousa. In. M. P. Ferreira, D. Cranmer, Z Chaves & R. Araújo (Coord.). *Catálogo do Arquivo Musical do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança*. Disponível em <vvpducamus.fcsh.unl.pt>. [10 de dezembro de 2022].
- Marques, A.J. (2012). *A obra religiosa de Marcos António Portugal (1762-1830): catálogo temático, crítica de fontes e de texto, proposta de cronologia*. Biblioteca Nacional de Portugal e Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical.
- Martins, A. P. S. (1979). *Esboço Histórico da Cidade de Castelo Branco*. Câmara Municipal de Castelo Branco.
- Martins, A. P. S. (s.d.). *Breve História da Freguesia e igreja de S. Miguel Arcanjo e da Diocese de Castelo Branco*. Sameiro-Braga.
- Meier, B. (1988). *The Modes of Classical Vocal Polyphony (Described According to the Sources)*. Broude Brothers.
- Michels, U. (2003). *Atlas de Música* (vol. 1). Gradiva.
- Nery, R. V., & Castro, P. F. (1991). *História da Música (sínteses da cultura Portuguesa)*. Comissariado para a Europália 91 –Portugal / Imprensa Nacional casa da Moeda.
- Reese, G. (1989). *La música en el Renacimiento 1 e 2*. Alianza Editorial.
- Silva, J. A. P. (1853). *Memorial Chronologico e Descritivo da Cidade de Castelo Branco*. Typografia Universal.
- Silveira, A., Azevedo, L. & Oliveira, P.Q. (2003). *O programa Polis em Castelo Branco. Álbum Histórico*. Sociedade Polis de Castelo Branco.